

CLÁUDIO PERANI SJ, PROFETA DA AMAZÔNIA: DA EQUIPE ITINERANTE (1998) À REDE ITINERANTE DA REPAM (2018)

Equipe Itinerante

Informações do artigo

Recebido em 02/05/2018

Aceito em 04/06/2018

doi> 10.25247/2447-861X.2018.n244.p262-300

Resumo

Equipe Itinerante é um espaço interinstitucional de serviços à Amazônia e seus povos, igrejas, organizações, comunidades, aldeias e periferias urbanas. "*Somando chegamos onde sozinhos não podemos nem devemos*". Nasce em Manaus (1998) da intuição do Pe. Cláudio Perani SJ (Distrito Jesuítas Amazônia): a Equipe é ponte entre campo-cidade, instituições-inserções, acadêmicos-lideranças populares das periferias, comunidades e aldeias. Perani propõe: "Andem pela Amazônia e escutem o que o povo fala, suas demandas e esperanças, seus problemas e soluções, suas utopias e sonhos. Participem da vida cotidiana do povo. Anotem e registrem cuidadosamente tudo, com as mesmas palavras do povo. Não se preocupem com os resultados, o Espírito irá mostrando o caminho. Coragem, comecem por onde possam". A Equipe compreende seu serviço itinerante como complementar aos outros serviços mais institucionais e inseridos do corpo apostólico para a missão. Os serviços institucionais dão continuidade e estabilidade nos processos; os serviços inseridos dão proximidade dos crucificados e das feridas da realidade onde a vida está mais ameaçada, é o princípio encarnatório; o serviço itinerante da conectividade entre instituições-inserções, entre um e outro lado das fronteiras (geográficas ou simbólicas) e também da visibilidade às realidades invisíveis às instituições (porque não chegam) e inserções (porque estão muito localizadas). Quanto mais conectados e articulados estejam estes três serviços, maior será a incidência do corpo apostólico. A Equipe cultiva uma "espiritualidade à intempérie", conectada, que ajude a sair da zona de conforto: "*estar onde, com e como ninguém quer estar*", acreditando na "*eficácia da presença gratuita*". Ela é uma das sementes que germinou a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM); foi parteira e é parte da mesma. Hoje, no novo contexto da REPAM e Sínodo da Amazônia a Equipe Itinerante ajuda a promover, formar e tecer a Rede Itinerante da REPAM.

Palavras-Chave: Distrito dos Jesuítas da Amazônia (DIA). Equipe Itinerante. Povos indígenas. Bioma amazônico. REPAM.

Introdução

No encontro com os povos indígenas da Amazônia, Puerto Maldonado, Peru (19/01/2018), o Papa Francisco, da sua visão da conjuntura atual da Amazônia e dos povos originários que nela habitam, com simplicidade e ousadia profética, denuncia:

Provavelmente os povos originários amazônicos nunca estiveram tão ameaçados nos seus territórios como estão agora. A Amazônia é terra disputada desde várias frentes: por uma parte, o neo-extrativismo e a forte pressão por grandes interesses econômicos que dirigem sua avidez sobre petróleo, gás, madeira, ouro, monoculturas agroindustriais.

Em seguida, apresenta a grave situação dos mais vulneráveis na Amazônia, os Povos Indígenas Isolados:

Desta preocupação surge a opção primordial pela vida dos mais indefensos. Estou pensando nos povos a quem se referem como «Povos Indígenas em Isolamento Voluntário» (PIAV). Sabemos que são os mais vulneráveis entre os vulneráveis. Situações de épocas passadas lhes obrigou a isolar-se até de suas próprias etnias, empreenderam uma história de cativeiro nos lugares mais inacessíveis da floresta para poder viver em liberdade. Sigam defendendo a estes irmãos mais vulneráveis. Sua presença nos lembra que não podemos dispor dos bens comuns no ritmo da avidez do consumo. É necessário que existam limites que nos ajudem a preservar-nos de toda tentativa de destruição massiva do habitat que nos constitui.

Como afirma nosso irmão, poeta e profeta, Pedro Casaldáliga: “É madrugada se insistimos um pouco [...] quanto mais difíceis são os tempos, maior deve ser a Esperança”. Nesta difícil, complexa e violenta conjuntura atual da Amazônia e do planeta, também há muitos sinais de esperança. Há um “alinhamento de estrelas” indicando que “algo novo está nascendo”. Algumas dessas “estrelas alinhadas”, que iluminam e apontam o caminho de novos paradigmas de vida, são:

Os povos tradicionais da Amazônia (indígenas, ribeirinhos, afrodescendentes, rurais e urbanos...) com suas cosmovisões geopolíticas de Bem-Viver e Bem-Conviver: “Eu vivo bem se tu vives bem; eu e tu vivemos bem se ele vive bem; nós vivemos bem se a árvore, o rio, os animais e todos os seres vivem bem”. Também as mulheres vão conquistando espaços de decisão no cuidado da casa comum do planeta e de todos os seres que a habitam, mesmo com o assassinato de suas lideranças.

Na vida eclesial, o Papa Francisco (2013) emergiu como líder religioso e político mundial com talante simples e profético; A Rede Eclesial PanAmazônica (REPAM, 2014),

apoiada pelo Papa; A Encíclica "*Laudato Si – sobre o cuidar da Casa Comum*" (2015), como novo marco teológico-pastoral que define a missão geopolítica comum na qual todos os seres humanos somamos para cuidar de nossa casa comum (missão "geo") e de todos os seres que nela habitam (missão eco-política); e o recentemente lançado Sínodo da Amazônia (2019), que busca discernir uma igreja mais amazônica, com uma missão comum, profética e diferenciada nessa estratégica região do planeta, no acompanhamento e diálogo com a diversidade de seus povos e na defesa da vida.

Neste contexto crítico e esperançoso em que vive a Amazônia e seus povos, celebramos dois acontecimentos muito significativos: O X Aniversário da Páscoa, da Itinerância definitiva e plena rumo à Casa do Pai, do querido Pe. Cláudio Perani SJ (+08-08-2008). Também no contexto do XVII Encontro Interinstitucional da Equipe Itinerante (EI), em Manaus (27-31/08/2018), celebramos o XX Aniversário de travessia da EI (1998-2018), que o próprio Perani fundou como um serviço missionário complementar aos serviços mais institucionais e inseridos do corpo da Igreja na Amazônia.

O Pe. Perani foi o primeiro responsável institucional do Distrito dos Jesuitas da Amazônia (DIA), fundado em 03 de maio de 1995 e o coordenou até 2000. O DIA com Cláudio deu unidade territorial, de missão e governo a cinco estados amazônicos brasileiros: Roraima, Amazonas, Pará, Amapá e Acre. A primeira sede do DIA foi na própria residência onde morava o Cláudio. Ali foi também o primeiro escritório da EI (1998-1999) até ter encontrado um espaço próprio (2000). Uma casa simples, aberta e acolhedora, na rua Castelo Branco, n. 101, junto à favela de palafitas do Igarapé Cachoeira Grande, bairro São Jorge, Manaus (AM), conhecido popularmente como "Jacaré Te Pega". Cláudio visitava periodicamente o Jacaré e, até hoje, os moradores mantêm viva sua memória por ser tão grande e alto, mas, sobretudo, pelo carinho, respeito e sabedoria com que os acompanhava. Cláudio conhecia as pessoas pelo nome...

Na porta do quarto de Cláudio, para acolher os visitantes, havia um cartaz com a imagem de um líder indígena com um belo cocar. O cartaz dizia: "Cacique". E nós que o conhecíamos pela convivência diária, em um dos encontros da EI, carinhosamente o pintamos com urucum e agradecidos a ele completamos a frase: "Cacique uma vez, cacique sempre!". O quarto do "Cacique" era muito simples: rede, cama, armário, estante com alguns livros, uma mesa e duas cadeiras para acolher e escutar as pessoas.

Perani, com sua sensibilidade popular, capacidade intelectual e liderança profética, ajuda a discernir e concretizar intuições e orientações pastorais criativas da missão dos jesuítas, de congregações religiosas e da própria Igreja na desafiante região Amazônica: itinerância e mobilidade na missão como serviços complementares aos serviços mais inseridos e institucionais do corpo missionário; estruturas leves e ágeis; interinstitucionalidade e intercongregacionalidade; colaboração com outros (leigos/as, religiosos/as, crentes e não crentes, etc.); somar com outros na missão para chegar juntos onde sozinhos não podemos nem devemos; justiça e espiritualidade socioambiental; equipe de espiritualidade móbil, que vai ao encontro; fronteiras geográficas e simbólicas; visão geopolítica e territorial da missão na Pan-amazônia; incidência política; também incentivou o trabalho com a juventude e as vocações locais e regionais, abrindo o noviciado “Vicente Cañas SJ” em Manaus, etc.

Cláudio foi um visionário, um profeta ousado e corajoso de visão ampla e territorial da Amazônia, de compromisso radical com os pobres e com os povos mais excluídos da região. Quando Perani partiu para a outra margem do Rio Misterioso da Vida, Dom Moacyr Grechi, Arcebispo emérito de Porto Velho (RO), afirmou: “Quanta falta nos faz o Cláudio! Ele nos convidava sempre a alargar o olhar para mais longe, ‘a remar para as outras margens e para águas mais profundas e lançar as redes para pescar’ (Lc 5,4)”.

Este texto pretende celebrar, fazer memória e renovar as intuições de Perani no atual contexto amazônico. É uma homenagem agradecida e celebrativa a nosso companheiro e irmão mas, também, tenta recuperar suas principais intuições no serviço à missão na Amazônia e junto à diversidade de seus povos. Intuições proféticas, sementes de vida, que deram origem à EI e formam parte da sementeira da Rede Eclesial PanAmazônica (REPAM) e da incipiente Rede Itinerante que em seu seio está tecendo-se. Por último, estas linhas querem renovar a espiritualidade a intempérie e a pedagogia da itinerância no contexto atual complexo, violento e esperançoso, que vive a Amazônia e seus povos, para continuar *“andando pela amazônia, escutando o que o povo fala e participando de sua vida cotidiana...”* (PERANI, 1998), rumo ao Bem-Viver e Bem-Conviver, à *Yvy Marane’y* – Terra Sem-Males,

que todos os povos almejam! Alguns documentos eclesiais apontam este *kairós* e novo nascimento.¹

Neste contexto, depois de 20 anos de fecunda caminhada, com acertos e erros, a Equipe é convidada a nascer de novo porque algo novo está nascendo: A REPAM (2014) e sua incipiente Rede Itinerante em gestação. Nessa Rede Itinerante da REPAM, pouco a pouco, articulam-se muitas equipes itinerantes que estão espalhadas pela Amazônia em distintas regiões, com diversidade de formatos de itinerância, composição de pessoas, áreas de abrangência e matizes de serviços... A Rede Itinerante da REPAM é um serviço complementar aos serviços mais institucionais e mais inseridos da Igreja na Amazônia, especialmente ali, onde as feridas estão mais abertas e a vida de todos os seres que nela habitam, mais ameaçada.

Perani, Superior do Distrito dos Jesuitas da Amazônia (DIA): Unidade Territorial, Unidade de Missão e Unidade de Governo

Cláudio gostava demais da música de Zé Vicente, "Utopia", que expressava o sonho pelo qual lutou e deu a vida: "*Quando o dia da paz renascer; quando o sol da esperança brilhar... Eu vou cantar.*"

Quê Visão, Missão e Corpo para a missão na Amazônia tinha e foi semeando o Pe. Perani? Quais desses elementos foram repassados a seus companheiros e companheiras de missão, nos projetos animados e impulsionados por ele (CEAS, CAC, EI, Tabatinga, Educação e Cidadania, SARES, Centro de Espiritualidade), nas assessorias que dava, no discernimento e animação missionária da Igreja presente na Amazônia (CRB, CNBB) e suas pastorais sociais (CIMI, CPT, CDH, Cáritas, Pastoral Operaria, etc.).

Essas perspectivas missionárias Perani não só as *corazonava* (pensava com o coração e sentia com sua mente), como também as vivia cotidianamente e comunicava no seu

¹ O Documento de Aparecida (2007): "devemos formar-nos como discípulos missionários sem fronteiras, dispostos a ir «à outra margem»" (DA, 376). Na celebração dos 40 anos do Documento de Santarém (1972-2012), os bispos da Amazônia Legal propõem a linha de ação: "criar equipes itinerantes de formação" (Memória e compromisso, n. 3.6, Santarém, 2012). A exortação *Evangelii Gaudium* (2014) anima a recuperar a alegria do Evangelho e ser "Igreja em saída", missionária. A encíclica *Laudato Si*, sobre o cuidado da casa comum (2015) convida a uma profunda conversão, educação e espiritualidade ecológica integral. Neste ano do laicato, o Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB) propõe o tema Sal da Terra e Luz do Mundo (Mt 5, 13-14), e o lema Cristãos leigos e leigas sujeitos na «Igreja em saída» a serviço do Reino.

compromisso radical e fiel com os pobres, com o movimento social e os setores mais populares que defendem a vida e lutam pela promoção da justiça socioambiental na Amazônia.

Na visão, missão e organização missionária, Perani tinha algumas convicções e conceitos fundamentais: territorialidade, itinerância, visitas gratuitas e periódicas, acompanhamento e escuta, vida cotidiana, espiritualidade encarnada, avaliação local, voluntariado, gratuidade, conectividade, fazer de ponte, os mais vulneráveis e onde o sistema não chega ou falha, registro da experiência, confronto e aprofundamento das experiências etc. Esses conceitos aparecem em seus textos.

Quando Cláudio é nomeado responsável institucional do Distrito dos Jesuítas da Amazônia (DIA, 1995) já se tinha um longo processo de discernimento na Província da Bahia sobre a necessidade de dar uma unidade territorial, de missão e governo à extensa região Amazônica. Cláudio participou ativamente de todo esse processo de construção do DIA, pois formava parte na época do CEAS da Bahia, do qual foi também um dos seus mentores.

“Projeto de uma Região Missionária na Amazônia” (Pe. João Pedro Cornado SJ, 1994)

O Pe. João Pedro Cornado SJ, Provincial da Bahia na época (1990-1996), foi uma pessoa fundamental na construção da unidade territorial de missão e de governo amazônico. Ele faleceu subitamente de um infarto, em 28 de fevereiro de 2014, na cidade de Marabá, Pará, no meio de um doloroso processo de mudança de visão e perspectiva institucional da Companhia, onde a Amazônia voltava a ser discernida e decidida desde fora, desde o “centro”, com uma visão “neocolonial” bem intencionada, porém contrária a todo o processo de construção “desde dentro” da própria Amazônia, a partir de suas lógicas e cosmovisões diferenciadas.

O Pe. Cornado foi outro profeta e visionário que sonhou e impulsionou o “*Projeto de uma Região Missionária na Amazônia*” (SALVADOR-BA, 1994). Este importante documento aponta muitos elementos da Visão, Missão e Corpo para a missão que os jesuítas tinham na época sobre a Amazônia. Ele é a origem do processo de construção da unidade territorial amazônica, do Distrito dos Jesuítas da Amazônia (DIA, 1995). E ele foi quem indicou o Pe. Cláudio Perani como primeiro superior da região. Posteriormente, Cornado, no seu segundo mandato de provincial (2002-2005) impulsionou a consolidação da unidade territorial

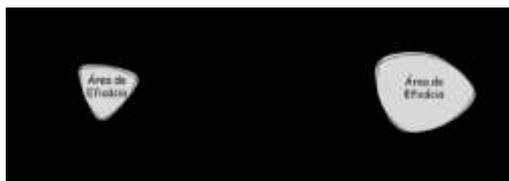
amazônica com a constituição da Região Brasil Amazônia (BAM, 2005). Assim, ao longo de 20 anos (1995-2015) foi-se conseguindo consolidar a unidade territorial amazônica, com uma unidade de governo, que pouco a pouco levou também a uma unidade de missão na região. O documento que dá origem ao DIA apresenta uma visão panorâmica e histórica sobre a questão Amazônica chamando a atenção sobre a gravidade das mudanças em curso no Amazonas e Maranhão por motivo dos grandes projetos existentes na região, propiciados por transnacionais, empresários e governo e que têm como consequência o aniquilamento das nações indígenas. Sugeriu-se “concentrar forças na Amazônia, no interior mais que nas capitais, nas áreas de conflito e em projetos comuns”.

“Sobre as eficácias”² (PERANI, mar., 1994): a importância da “presença gratuita”

Este é um texto fundamental do Cláudio Perani para compreender sua visão, missão e corpo missionário. O ponto de partida é a presença gratuita, ser amigos e amigas, irmãos e irmãs dos índios. É o mistério encantatório da inculturação: descer humildemente, com o coração e a cabeça abertos, ao encontro de Deus, já milenarmente presente no meio dos povos, antes que nós chegássemos. O Pe. Cláudio assim o expressava claramente num texto “Sobre as Eficácias”, de 1994, um ano antes de ele ser nomeado o Primeiro Superior do DIA. Perani apresenta três níveis de eficácia que se complementam e devem ser articuladas: eficácia econômica, eficácia política e eficácia da presença gratuita.

Uma eficácia política sem participação ativa do povo, sem presença próxima e escuta atenta às pessoas converte-se em “ditadura”; uma eficácia econômica que não constrói a partir da base, acolhendo as perspectivas e soluções econômicas dos pobres, é uma pura e dura “ditadura do capital”. Estes dois níveis de ação, político e econômico, são verdadeiramente eficazes se estão profundamente articulados com a eficácia da presença gratuita e amorosa junto aos mais pobres e marginalizados. Quanto maior é a articulação entre estas três eficácias, maior serão a sinergia e área de eficácia, como se observa graficamente na figura abaixo.

² Perani, “Sobre as Eficácias”, Cadernos do CEAS, n. 150, Salvador (BA), Mar/Abr, 1994.



Esta visão da presença gratuita como perspectiva teológico-pastoral, teórico-prático, é uma constante que impregna e perpassa toda a vida, pensamento e coração, práxis e teoria do mestre e profeta Perani. A presença gratuita como princípio encantatório, ponto de partida, caminho e caminhada, é uma convicção profunda que impregna sua vida e pensamento, suas itinerâncias geográficas, simbólicas e espirituais, sua alma inquieta... Cláudio conclui afirmando:

Devem ser reconhecidas e favorecidas eficácias criativas, de sujeitos cara a cara, capazes de refazer credibilidade e motivos de esperar e amar em gratuidade. Quisera recordar, para finalizar, a importância da gratuidade. Por indicar uma atitude não somente de compromisso sem remuneração, porém também sem objetivos e motivos preestabelecidos, pode ser considerada por muitos como uma ação bonita, mas sem nenhuma eficácia. Ao contrário, a gratuidade também inclui uma particular eficácia. Está relacionada ao amor e a liberdade e pode favorecer energias inesperadas, capazes de criar novas esperanças e novas autonomias. (PERANI, Sobre as eficácias, 1994).

“Distrito da Amazônia” (PERANI, jul., 1995)

Pouco depois de escolhido Superior, Perani escreve a seus companheiros o texto DISTRITO DA AMAZÔNIA (jul., 1995), no qual expressa, de modo mais detalhado e autocrítico, sua visão histórica da missão da Companhia de Jesus. Inicia o texto afirmando que a Companhia acompanhou a colonização portuguesa da Amazônia. Destaca a ousadia missionária do Pe. Luiz Figueira SJ, martirizado precocemente em 1643 pelos índios na Ilha do Marajó, apenas 7 anos depois de sua chegada à região em 1636. Cláudio continua ressaltando outro grande missionário na Amazônia, o Pe. Antônio Vieira SJ:

[...] o maior impulso de prática cristã na Amazônia foi dado pelo grande missionário Antônio Vieira (1608-1697), inspirado pela mensagem de Jesus e sensibilizado pelo sofrimento dos índios. Tendo enfrentado a oposição dos colonos e das Câmaras do Maranhão e do Pará, percebeu que *“não podia haver conversão da gentildade, enquanto as missões não estivessem totalmente isentas do poder e interesse dos que governavam.”* Sabemos que esta orientação missionária não sempre foi seguida. Depois do Vieira, os jesuítas entraram numa evangelização menos profética e mais empresarial. Serafim Leite afirma que *“os jesuítas, pelas condições particulares da*

América, não puderam ser o que foram na Ásia, apenas missionários: foram também colonizadores”.

Perani prossegue com a volta contemporânea dos Jesuítas para a Amazônia, Pará, 1912; Capela de Lourdes, Belém, 1917 e Prelazia de Ponta de Pedras, Marajó, 1969; Marabá, 1980. Mostra a perspectiva interprovincial da missão que começa em Manaus, 1979 e, a partir daí *“outros jesuítas do ISI, do IBRADES e do CEAS, passaram pela Amazônia nos últimos anos”*. E frente à crescente importância geopolítica da Amazônia e o grito de seus povos pobres, explorados e excluídos é fundamental a perspectiva *“inter”*, somar para tentar responder juntos aos grandes desafios da Amazônia e seus povos. Sozinho ninguém pode.

Perani assume uma perspectiva crítica e autocrítica da história da própria missão da Companhia de Jesus na Amazônia: *“não podia haver conversão da gentildade, enquanto as missões não estivessem totalmente isentas do poder e interesse dos que governavam”*. Porém, essa perspectiva nem sempre se manteve, os jesuítas entraram numa evangelização menos profética e mais empresarial: *“foram também colonizadores”*. A visão e a prática missionária *“colonizadora”* continuam até hoje, às vezes de modo inconsciente, seja no nível pessoal e/ou institucional. A análise crítica-autocrítica é fundamental para purificar o serviço missionário.

Hoje, também, como no tempo do Vieira, existe o mesmo desafio fundamental, evidentemente, com expressões e características diferentes. A Amazônia continua sendo considerada, de um lado, como uma grande reserva de riquezas a serem exploradas, e de outro, como algo de maravilhoso e folclórico a ser admirado. Num caso e no outro, não se considera sua população, menos ainda a personalidade cultural muito forte do seu povo. A modernidade do capitalismo, entrando na Amazônia, revela sua cara violenta, talvez, mais que em outros lugares.

Um trabalho de evangelização nesta região, na ótica da justiça e da opção pelos pobres, recentemente reconfirmada pela Congregação Geral 34, deve necessariamente reconhecer o conflito existente entre explorados e exploradores e definir-se claramente do lado dos injustiçados, sem restrições. Não é uma opção facultativa ou de uma determinada pastoral. É uma opção necessária, porque evangélica e deve ser assumida por qualquer atividade e em qualquer meio em que estejamos trabalhando.

O ponto de partida são os povos indígenas e os excluídos. E a atitude fundamental do missionário: solidariedade e partilha, presença e caminhar junto com o povo, trabalho com outros e ao serviço dos projetos dos outros...

Inspirando-me nas afirmações do Pe. Paulo Suess, podemos falar em pastoral de libertação inculturada, o que significa partir dos povos indígenas e do mundo dos dois terços excluídos, tendo uma atitude de solidariedade e de partilha, de presença e de caminhar juntos. Igualmente fundamental é trabalhar com outros e a serviço dos projetos dos outros: setores populares, entidades leigas, agentes de pastoral da região...

Perani termina o texto afirmando, "procurando, com a graça de Deus, sermos apenas missionários e não também colonizadores" e "contar humildemente com a força dos fracos, esperando grandes coisas da bondade do Pai".

Do Projeto de Itinerância (1996) à Equipe Itinerante (1997)

Cláudio elaborou as duas primeiras versões: "Projeto de Itinerância" (1996) e "Equipe Itinerante" (1997). Frente aos desafios e demandas que encontrou na Amazônia, propõe este serviço itinerante a partir de sua experiência com as equipes móveis do CEAS³. Ele consulta e formula a proposta com a ajuda, observações, contribuições, intuições e participação ativa e crítica dos companheiros do DIA, do governo da Companhia, de amigos experientes, da própria Igreja e das organizações da região e do povo.

A EI não nasceu pronta, nem é um projeto acabado. É como uma criança que nasce pequena, frágil e insegura, sem saber caminhar, engatinhando... O Projeto é "itinerante", se vai fazendo e refazendo no caminho e na caminhada. Cláudio apresenta, na primeira versão do "Projeto de Itinerância" (1996), esta perspectiva de reflexão sobre a prática e discernimento da experiência para ir, no caminho e pouco a pouco, amadurecendo, formulando e concretizando cada vez melhor a proposta. "O fundamental será a necessária abertura para concretizar o projeto a partir da experiência em andamento."⁴ Na segunda versão, "Equipe Itinerante" (1997), Perani insistia: "CONCLUINDO. O que está no papel é

³ O Centro de Estudos e Ação Social (CEAS) tem sua sede em Salvador, Bahia. Cláudio foi um dos fundadores em 1967 e o coordenou e inspirou por muitos anos (1968-1995). Para mais informação: www.ceas.com.br

⁴ Perani, "Projeto de Itinerância", Manaus, 04 de Junho de 1996 (1ª versão).

muito relativo. É importante ter algumas ideias claras, deixando em aberto sua concretização, a depender da experiência do dia-a-dia.”⁵

Avaliação do DIA, agosto de 1996: “Novidades”

Um ano depois de ser nomeado responsável do DIA, Perani avalia as “novidades”:

Projeto Tabatinga. Tabatinga está localizada nas fronteiras com a Colômbia e com o Peru. É uma cidade em desenvolvimento, perpassada por conflitos causados pela droga, pelas migrações, pela exploração econômica. Existe a proposta de fundar uma Comunidade Missionária de 3-4 jesuítas, com tarefas apostólicas a serem melhor definidas a partir da realidade local: visitas às comunidades, trabalhos com os índios, assessorias várias, formação de lideranças, orientação espiritual..., sem assumir paróquia. O bispo Dom Alcimar sugere esse tipo de trabalho. O ideal seria uma comunidade internacional, integrada por jesuítas brasileiros, colombianos e peruanos, para um trabalho em toda a faixa amazônica do Alto Solimões, entrando nos territórios colombianos e peruanos.

Projeto de Itinerância. Inspirado na mobilidade dos primeiros jesuítas, consiste na formação de uma equipe residente em Manaus com o objetivo de visitar periodicamente as comunidades do interior amazense, para conhecer, passar informações, apoiar, animar, avaliar... o trabalho local, confirmando na fé os irmãos e as irmãs das comunidades. Seria um trabalho mais social ou mais religioso, a depender das necessidades e da preparação dos jesuítas, organizado de acordo com os bispos locais. Trata-se, também, de fazer a ponte com entidades e intelectuais da cidade, para descoberta de novos caminhos em favor do campo e da cidade, do ponto de vista pastoral e sociopolítico. O objetivo é ainda vago, mas só poderá concretizar-se a partir das solicitações recebidas e da criatividade dos jesuítas da equipe.

Projeto Educação e Cidadania. O projeto para a área urbana procura ser uma pequena resposta ao grande e preocupante problema da educação das crianças na Amazônia. Não pretende criar grandes estruturas, mas apoiar-se na rede de ensino público, contando com pessoas de classe média, em sua maioria voluntária, a serviço dos setores populares. Inspira-se na experiência concreta realizada pelo CAC num bairro de Belém. Trata-

⁵ Perani, “Equipe Itinerante – Tentando concretizar para 1998”, Manaus, redigido no final (Out-Dez) de 1997 (2ª versão).

se de realizar aulas de reforço, duas horas cada, para um acompanhamento tutorial, sendo que uma professora ou monitora poderá seguir somente 5 crianças. O projeto deveria estender-se a outros bairros e a outras cidades, envolvendo a colaboração de outras Congregações Religiosas e de leigos.

Perani apresenta vários aspectos fundamentais da sua visão, missão e organização missionária:

Territorialidade amazônica. No Projeto Tabatinga, um ponto fundamental para Perani é a territorialidade, a visão territorial transfronteiriça conectada, “sem-fronteiras”. Destaca também a complexidade dos conflitos nas fronteiras amazônicas onde a ausência do Estado é maior e as máfias são as que reinam nessas regiões. Outro ponto é a perspectiva interprovincial e internacional, somando pessoas (jesuítas) dos três países fronteiriços. Cláudio propõe que a missão, a ser “melhor definida a partir da realidade local”, será na linha das visitas às comunidades e aldeias, assessorias e formação de líderes, espiritualidade, etc. Cláudio deixa claro que o trabalho é “sem assumir paróquia”.

Itinerância: “Fazer a ponte”. No Projeto de Itinerância, Perani se inspira “na mobilidade dos primeiros jesuítas”, que também atravessavam as fronteiras geográficas, culturais e simbólicas da Amazônia nos Séc. XVII e XVIII. O caso do Pe. Samuel Fritz é emblemático. A ele devemos um belíssimo diário de suas expedições e uma das primeiras cartografias da região: “*O Grande Rio Maranhão o Amazonas*” (1707). Na compreensão do Cláudio, um ponto fundamental do serviço missionário itinerante é “fazer de ponte” entre o campo (comunidades e aldeias) e a cidade, entre o povo da base e os intelectuais e acadêmicos “para descoberta de novos caminhos em favor do campo e da cidade”. Cláudio compreende o serviço da itinerância como serviço complementar que conecta os outros serviços mais inseridos na base e no interior com os serviços mais institucionais e intelectuais presentes mais na cidade. A missão pode ser mais pastoral e/ou sociopolítica, depende da demanda e necessidade local. A criatividade dos itinerantes é fundamental.

Priorizar os mais vulneráveis e complementar o sistema, onde ele falha ou não chega! O Projeto Educação e Cidadania aborda a desafiadora situação da educação das crianças, um dos setores mais vulneráveis da realidade amazônica, especialmente no mundo das imensas periferias urbanas. O Projeto não pretende substituir o Estado, mas complementá-lo, onde ele falha ou não chega. Ele tenta “apoiar-se na rede de ensino público,

contando com pessoas de classe média em sua maioria voluntárias a serviço dos setores populares”.

Povos Indígenas: “dívida histórica” da Companhia. Cláudio termina sua “Avaliação” falando brevemente dos indígenas e da “dívida histórica” que a Companhia tem com eles:

Não falamos de indígenas. Estão presentes nas nossas preocupações. Nas propostas quando da formação do DIA afirmava-se que “a Companhia tem uma dívida histórica para com os povos indígenas, pois foi pioneira na missão no Brasil. De suas fileiras saíram projetos de evangelização nocivos ao índio”.

Os projetos de Tabatinga e da Equipe Itinerante querem preocupar-se com isso.

“Projeto de Itinerância” (PERANI, jun., 1996)

O “Projeto de Itinerância” é o sonho de Cláudio, a itinerância. Assim foi sua experiência no CEAS com as “equipes móveis”, que atuavam nas “zonas escravas” da cana e do café no Nordeste. Ele propunha uma ação:

semelhante à antiga desobriga realizada pelos padres que visitavam as comunidades espalhadas pelo interior de um Estado ou Município no Nordeste, com a finalidade de “des-obrigá-las” nas suas funções sacramentais. No nosso caso, haveria uma ida mais gratuita, a serviço das necessidades percebidas em cada situação e comunidade, de caráter social e religioso... Ao voltar para Manaus, as experiências devem ser colocadas em comum e avaliadas. A permanência na cidade, além de proporcionar o necessário descanso, deve servir para entrar em contato com outras entidades (pastorais e não pastorais) para socializar o conhecimento adquirido, aprofundar cada realidade e encontrar possíveis canais concretos de apoio. O fundamental será a necessária abertura para concretizar o projeto a partir da experiência em andamento.

“Equipe Itinerante – tentando concretizar para 1998” (PERANI, 1997)

A segunda versão do Projeto, “Equipe Itinerante – tentando concretizar para 1998”, foi escrito por Perani entre outubro e dezembro de 1997, pensando já na possibilidade de concretizar a proposta para o início do ano 1998, como de fato aconteceu. Esta versão tem uma elaboração muito maior e é muito mais concreta. De “Projeto de Itinerância” passa a “Equipe Itinerante”. A ênfase está na articulação de uma equipe que preste esse serviço itinerante.

O Projeto foi proposto faz tempo (04-06-1996). Nesse período não foi possível realizá-lo, mas a reflexão continuou. Houve a experiência concreta de alguns jesuítas, tomaram-se contato com algumas pessoas e entidades, aprofundou-se a discussão a partir de novos acontecimentos e documentos. As necessidades encontradas parecem confirmar a oportunidade de tal iniciativa. No fim de 1997, temos também a alegria de poder contar com alguns jesuítas dispostos para abrir esta frente missionária. Aqui vão alguns pontos, mais teóricos ou mais concretos, para continuar a discussão.

Apresenta algumas “motivações” eclesiais e da Companhia de Jesus que fundamentam a proposta da EI. Tanto na primeira versão como na segunda, insiste na vivência da gratuidade e a escuta no serviço da EI. Também ressalta a importância do serviço integral e a solidariedade no cotidiano da vida dos pobres. Na última motivação, Perani faz referência ao documento “A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia”⁶, afirmando que “todo ele é uma importante orientação para a Equipe Itinerante”. Partindo desse documento, registra a preocupação do Papa, ao abrir o Sínodo dos Bispos para a América, onde levantou a questão das diferenças sociais, perguntando sobre as causas dessa situação: “Em que medida elas têm suas raízes na história dos últimos cinco séculos? Até que ponto são um legado da colonização? Que influência teve a primeira evangelização? Penso que estas perguntas nos interpelam diretamente, a nós jesuítas, sendo que temos nossa responsabilidade, desde a primeira evangelização, seja em relação aos acertos, seja em relação às omissões ou conivências com as injustiças, no trabalho da Companhia na Amazônia. E insiste: “Temos que reparar, hoje, com ações, mais que com palavras. Um dos caminhos é o nosso serviço realizado para uma sociedade mais igualitária”.

Buscando passar a ação, concretamente, em síntese propõe:

A Equipe pode começar com o Pe. Albano. Deve-se conversar com os padres Maurício e Paulo Sérgio para ver seus desejos e possibilidades. Devemos intensificar o contato com algumas irmãs. As atividades consistiriam, em primeiro lugar, em visitar trabalhos pastorais ou não, nas periferias e no interior, para tarefas específicas pedidas ou para uma presença mais gratuita a partir de viagens programadas com pessoas locais. As portas de entrada são

⁶ O documento “A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia” foi elaborado no 8º Encontro Inter-Regional dos Bispos da Amazônia celebrado em Manaus (9-18/09/1997) para comemorar os 25 anos da “Assembleia de Santarém” (1972). Perani assessora o encontro e o documento final.

as Dioceses, a CRB, as paróquias, movimentos pastorais, movimentos populares, agentes de pastoral, etc. O encontro seria, em princípio, com as pessoas de qualquer nível de engajamento, não unicamente com agentes ou animadores, mas privilegiando contatos diretos com o povo.

O conteúdo das visitas pode variar muito, a depender das necessidades: simples conversas pessoais, trocas de experiências, oferecimento de informações, cursinhos ou seminários, avaliações, etc.; no âmbito mais religioso ou mais social, sempre, porém, visando a uma integração justa e fé.

A reflexão em equipe exige que na volta se faça um breve relatório, coloque-se em comum, discutam-se e aprofundem determinados temas. Neste momento, a depender do conteúdo, poderão ser convidadas outras pessoas interessadas em dar sua contribuição, seja para o estudo, seja para encontrar e favorecer contatos que possam ajudar os interessados. Sem querer formalizar muito, neste segundo momento, poderão ajudar membros de outras entidades, professores, estudantes universitários, etc.

Deve ser pensado o problema financeiro. Como base de conversa, não estamos pensando em fazer projetos para pedir ajuda externa. Cria bastante dependência e preocupações. Poderemos receber uma contribuição, quando convidados por algumas entidades. As Congregações Religiosas podem assumir a manutenção das pessoas. A Companhia poderia assumir os gastos para uma estrutura mínima de biblioteca/escritório e os gastos de viagem.

Cláudio conclui esta segunda versão do Projeto Equipe Itinerante dizendo que a experiência do dia a dia irá concretizando o projeto e apresentando um pequeno gráfico de sínteses.



20 anos de Equipe Itinerante: saindo da zona de conforto

Ao longo desses 20 anos de caminhada itinerante (1998-2018), a partir das duas primeiras versões do Projeto elaboradas por Cláudio (1996 e 1997), foram redigidas mais cinco versões a partir das pessoas que integraram a EI. Em janeiro de 1998, foi concretizada a EI, liberando os dois primeiros jesuítas, o Pe. Albano Ternus e o Pe. Paulo Sergio Vaillant. Em outubro do mesmo ano, chegaram o Pe. Fernando López, SJ, da Província de Paraguai e a Ir. Arizete Miranda Dinelly CNS-CSA⁷. No final de 1999, novembro, somou-se o Pe. Paco Almenar, SJ e Tadeu Moraes, leigo vocacionado enviado pelos jesuítas do Pará. Em janeiro de 2000, chegaram a Ir. Odila Gaviraghi FSCJ⁸ e Cláudia Pereira, leiga enviada pelo projeto "Igrejas Irmãs", Regional da CNBB Sul 3. Elas foram acolhidas os dois primeiros meses na comunidade da Congregação de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho, no bairro da Compensa II de Manaus-AM. Depois, o grupo buscou e abriu sua primeira Comunidade Itinerante no bairro de palafitas Vila da Prata.

Nessas duas décadas de caminhada, mais de cem pessoas somaram, com diferentes tempos e formatos de permanência, na EI. E foi com eles e elas, e a partir do contexto e conjuntura local e regional, que se elaboraram as sete versões do projeto da EI. Na mesma perspectiva que o pensava seu fundador Perani, o projeto da EI sempre está a caminho, vai-se recriando, reformulando e concretizando a partir das distintas realidades locais onde se insere e da mudança da conjuntura da própria Amazônia e do mundo.

A intuição: Andem e escutem...

Perani recupera a espiritualidade e metodologia itinerante do próprio Jesus (Lc 8,1-3): *"Jesus andava por cidades e aldeias, pregando e anunciando a Boa Notícia do Reino de Deus. Os Doze e algumas mulheres iam com Ele"*. E também a tradição das ordens mendicantes (Franciscanos, Dominicanos, etc.) que, saindo dos conventos e mosteiros, iam ao encontro do povo no campo e nas cidades. Recolhe a própria tradição jesuítica da "cavalaria ligeira" e

⁷ Congregação de Nossa Senhora - Cônegas de Santo Agostinho (CNS-CSA).

⁸ Filhas do Sagrado Coração de Jesus (FSCJ).

do “Inácio Peregrino”, dos primeiros jesuítas missionários na Amazônia que andavam de aldeia em aldeia...

Nos primeiros anos que Cláudio acompanhou a EI, foi resumindo sua intuição fundamental:

Andem pela Amazônia e escutem o que o povo fala: suas demandas e esperanças, seus problemas e soluções, suas utopias e sonhos. Visitem as comunidades e aldeias, as organizações e igrejas. Participem da vida cotidiana do povo. Observem e registrem tudo cuidadosamente. Anotem as próprias palavras do povo. Não se preocupem com os resultados, o Espírito irá mostrando o caminho! Coragem! Comecem por onde possam...

Os verbos são muito importantes para o Perani: andar, escutar, visitar, participar da vida cotidiana, observar, registrar, anotar, não se preocupar com os resultados, discernir e confiar no Espírito, ter coragem e começar por onde se possa...

O que é a Equipe Itinerante?

A Equipe Itinerante é formada por leigos/as, religiosos/as que vão de comunidade em comunidade, por cidades e aldeias, seguindo o exemplo de Jesus (Lc 8,15), a serviço do Reino e sua justiça socioambiental, defendendo a Vida Abundante (Jo 10,10) da Amazônia e o bem-viver, bem-conviver dos povos que nela habitam e de todos seus seres. A EI soma distintas pessoas e instituições. Os membros são enviados, sustentados e acompanhados por diversas instituições, organizações ou grupos. Nem sempre é a mesma instituição que envia a que sustenta economicamente a pessoa. Muitas pessoas pertencem e são enviadas por uma instituição e uma outra organização é a que dá suporte econômico para a vida pessoal (ajuda de custo), vida de comunidade e missão da EI.

As pessoas da EI que queiram, podem viver em Comunidade Itinerante (CI), que é mista e plural. A comunidade itinerante não só é apoio à missão, ela por si mesma é missão, convívio em unidade na pluralidade e diversidade, que tem como horizonte “*a Trindade, a melhor comunidade*” (Leonardo Boff). A comunidade itinerante é aberta. Acolhe e apoia pessoas que vêm do interior à cidade para distintas gestões em reciprocidade com as comunidades que acolhem a Equipe quando ela vai visitá-las no interior. Há também outros colaboradores que somam na missão da EI.

Onde esteve e onde está hoje a Equipe Itinerante

Nos 20 anos de serviço missionário itinerante, a EI teve bases de apoio em distintas regiões da Amazônia, especialmente nas fronteiras geográficas e simbólicas. A EI sente o chamado a estar e atravessar as fronteiras, geográficas e simbólicas, nos dois sentidos... *"Devemos formar-nos como discípulos missionários sem fronteiras, dispostos a ir «à outra margem»"* (DA 376). Nestas duas décadas a EI teve distintas bases na Amazônia:

- a) **1998:** A EI inicia com base em Manaus (AM) com duas pessoas: os padres jesuítas Paulo Sergio Vaillant e Albano Ternus. No mesmo ano, em outubro, somam-se o Pe. Fernando López sj e a Ir. Arizete Miranda CNS-CSA.
- b) **2000:** Abre-se a Comunidade Itinerante inserida na área de palafitas do bairro Vila da Prata, Manaus (AM). Iniciam a CI seis pessoas: os padres Paulo Sérgio, Fernando e Paco Almenar; as irmãs Arizete e Odila Garivaghi, FSCJ; a leiga Claudia Pereira, enviada pelo Projeto Igrejas Irmãs Sul 3 e o leigo Tadeu, vocacionado dos jesuítas.
- c) **2002:** As companheiras Odila e Arizete insistem: "A Equipe Itinerante também é nossa!". Elas ajudam a criar a consciência interinstitucional da proposta e são convocados os responsáveis institucionais no primeiro Encontro Interinstitucional da EI realizado em outubro, na cidade de Manaus. Atenderam o convite e assumiram a interinstitucionalidade da Equipe: Pe. Bruno SJ; Irs. Valdete e Odete CNS-CSA; Irs. Inelda e Sonia FSCJ.
- d) **2004 a 2014:** A Equipe abre um núcleo na tríplice fronteira amazônica de Brasil-Colômbia-Peru, no alto rio Solimões ou Amazonas. Iniciam quatro pessoas de quatro instituições diferentes: Fernando SJ e Odila FSCJ dos antigos, e somam-se Neori Fonseca, irmão Marista, e Raimunda Paixão, leiga do CIMI. A Comunidade Itinerante é aberta no bairro "La Unión" de Leticia (Colômbia) e o escritório em Tabatinga (AM, Brasil).
- e) **2008 a 2013:** Na celebração dos dez anos da EI foi decidido abrir um novo núcleo em Boa Vista (RR), fronteira com Venezuela e Guiana. Iniciam a proposta a Ir. Idalina Mendes Providencia de Gap, a Ir. Graça Gomes Catequista Franciscana e Gilmaria Fernandes, leiga do CIMI.

- f) **2016:** Um novo núcleo da EI e a CI é aberto na tríplice fronteira amazônica de Brasil-Bolívia-Peru, na vila de Iñapari (Madre de Dios, Peru) e Assis Brasil (AC, Brasil). Iniciam com a Ir. Joaquina Honório Madeira CIC, Pe. Paco Almenar SJ. E somam-se ao longo daquele primeiro ano: Scharliman Lôbo (Nov/2016), leiga vinda da Bahía; Pe. Liam Carey (Dez/2016), Instituto São Columbano, para uma experiência de seis meses; Marita Bosch (Dez/2016), leiga enviada por la Paroquia S. Inácio de Loyola de S. Juan de Puerto Rico.
- g) **2018:** A EI e CI continuam em Manaus (Brasil) e Iñapari (Peru). Está formada por nove pessoas, algumas delas chegando, que pertencem a sete instituições diferentes: **Raimunda Paixão Braga**, leiga brasileira amazônica enviada pelo CIMI, desde abril de 2004; **Maria Gorete Barbosa de Oliveira**, leiga brasileira amazônica enviada pelas CNS-CSA, desde 2013; **Joaquina Honório Madeira**, religiosa brasileira da Imaculada Conceição (Irmãs Azuis, IC), desde 2013; **Maria del Mar Bosch**, leiga enviada pelos Jesuítas de Puerto Rico, desde dezembro de 2016; **Ney Valente**, leigo brasileiro amazônico, enviado pela Associação de Capoeira Arte Revelação, desde maio de 2018; **Izaias Flores Lopes**, leigo enviado pela Paroquia de Assis Brasil-AC; desde junho de 2018; **Arizete Miranda Dinelly**, religiosa brasileira amazônica, Cônego de Santo Agostinho (CNS-CSA), desde outubro de 1998; **Fernando López Pérez**, religioso espanhol, Companhia de Jesus, Província do Paraguai; desde outubro de 1998; **Maria Eugenia Loris Aguado**, religiosa espanhola, Verbum Dei, desde agosto de 2018.

Nesses 20 anos, passaram pela EI mais de cem pessoas entre voluntárias que vinham por um tempo curto fazer uma experiência, e outras que vinham para ficar, ainda que por dificuldades de adaptação ou porque não se deram com a proposta não conseguiram ficar muito tempo. E nessas duas décadas, cerca de quarenta instituições foram parceiras dessa iniciativa.

Mapa de localização dos núcleos da Equipe Itinerante ao longo dos 20 anos (1998-2018):



Serviço missionário atual da Equipe Itinerante

Depois de 20 anos de experiência itinerante pela Pan-amazônia, a intuição, objetivos e metodologia fundamental da EI se mantêm: Andar e visitar periodicamente, acompanhar, avaliar e gerar processos de formação no nível local, “fazer de ponte” e tecer redes entre aldeias e comunidades, entre o campo e a cidade, não levar soluções pré-fabricadas, refletir com o povo e com intelectuais, acadêmicos e entidades afins os novos caminhos para o campo e para a cidade... Assim o propõe o próprio Perani nas duas primeiras versões do projeto (1996 e 1997).

Os objetivos foram-se ajustando ao longo dos anos, nos distintos projetos. Na última versão (7ª, ago/2015), quase 20 anos depois, a EI formula os objetivos nos seguintes termos:

Objetivo Geral: Escutar, despertar, incentivar, apoiar pessoas, grupos e projetos de iniciativa d@s Ribeirinh@s, Indígenas e Urban@s, através da itinerância, do apoio e da articulação com grupos e entidades comprometidas com a mesma luta, para que @s empobrecid@s e excluíd@s se tornem sujeitos da sua libertação, reconquistem sua dignidade e se reconheçam como filhos e filhas preferid@s de Deus, a fim de, pelos valores do Evangelho, humanizar os ambientes mais agressivos, injustos e opressores onde a vida humana está sendo ameaçada, as culturas desrespeitadas e os direitos humanos ignorados.

Objetivos Específicos:

- a) Ir ao encontro d@s mais empobrecid@s, sofredores, abandonad@s e culturalmente diferentes.
- b) Conhecer a vida cotidiana das pessoas, com visitas periódicas, escuta gratuita e aprendendo delas a melhor maneira de servi-las, sendo presença solidária e compartilhando de suas lutas, sofrimentos, esperanças e suas iniciativas de organização e resistência popular.
- c) Apoiar e incentivar relações de vida comunitária: partilha, celebração, organização e outras.
- d) Celebrar, a partir da fé e cosmovisão de cada povo, a vida, a luta e as

relações entre irm@s.

e) Sistematizar e compartilhar, devolvendo as experiências vivenciadas e geradas nos diversos espaços de missão, como parte própria da metodologia.

f) Contribuir com assessorias específicas reforçando e potencializando a práxis das comunidades, igrejas, grupos de movimentos populares e organizações sociais.

g) Ampliar redes e parcerias na Panamazônia, entre comunidades, povos, organizações, igrejas e instituições afins.

h) Aprofundar os estudos referentes ao contexto sociocultural e político-econômico da região onde a Equipe desenvolve sua atuação, mantendo uma análise de conjuntura crítica e atualizada.

i) Recriar novas relações de gênero buscando equidade de participação, de decisão e de direitos.

Com esses objetivos, a EI tenta facilitar uma (cosmo) visão territorial conectada, geopolítica, dentro da Amazônia. Vivenciar uma missão com os povos da região, que cuidam da Amazônia e do bem comum (bem-viver) de todos seus seres. Tecer redes transfronteiriças e processos organizativos intercongregacionais e interinstitucionais. Somando, chegamos juntos aonde sozinhos não podemos nem devemos.



De modelo bipolar de serviço, Instituição–Inserção, a tripolar, Instituição–Equipe Itinerante–Inserção

Com essa perspectiva de visão, missão e corpo missionário amazônico em rede, Cláudio recupera esse serviço missionário móvel que faz de “ponte” entre o campo e a cidade, entre as aldeias e as instituições, entre o povo e os intelectuais. Ele introduz uma equipe móvel que tente amenizar o isolamento do povo e dos agentes pastorais do interior e das periferias urbanas amazônicas.

Frente às distâncias enormes e isolamento das comunidades e dos agentes pastorais de base, os bispos da Amazônia confirmam essa perspectiva itinerante proposta por Cláudio

(1996) no Encontro de Santarém (2012): "*criar equipes itinerantes de formação*"⁹, que cheguem às comunidades e aldeias, ao centro e às periferias urbanas e gerem, no nível local, os processos de formação.

Perani parte do modelo utilizado tradicionalmente na ação pastoral da igreja. Um modelo "bipolar" de interação entre o nível de base (comunidade, aldeia, grupo etc.) e o nível institucional (paróquia, diocese, secretaria de educação ou saúde, ONGs etc.). Nesse modelo, as instituições convocam as lideranças para vir ao "centro", no "espaço institucional" onde se têm os "meios" e "é mais cômodo para todos" (especialmente para os que dão o curso), para desenvolver o processo formativo; acabado o encontro, "curso" ou "oficina", as lideranças voltam para suas bases para desenvolver o aprendido, sem ter os meios no nível local que tiveram no espaço onde receberam a formação...

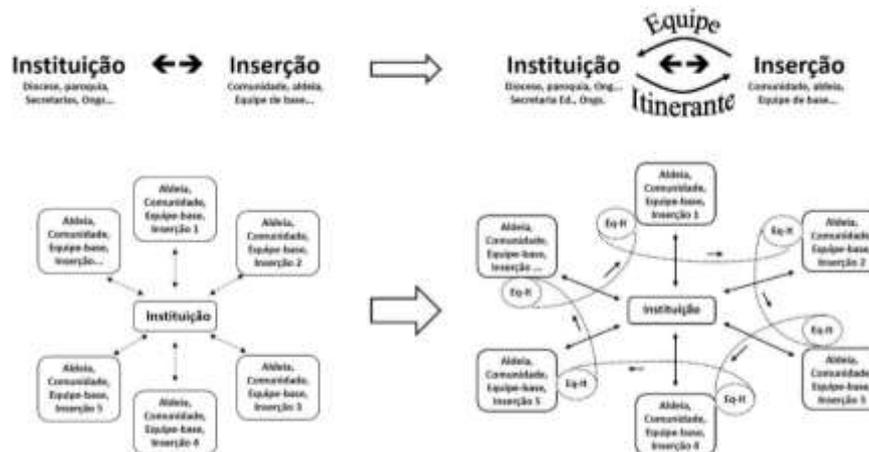
"Sem desmerecer a importância destes encontros, é necessário também inverter o caminho..." Perani propõe um modelo tripolar, no qual se introduz um terceiro elemento dinâmico e móvel, um catalisador social, que faz o movimento contrário, que vai do centro para a periferia, para a base, que vai de comunidade em comunidade desenvolvendo os processos de acompanhamento, de avaliação e formação mais local e localizada. Esse processo, mais lento, é, pelo contrário, muito mais eficaz. Prática e teoria vão juntas, são os dois remos da canoa. O processo de reflexão é sobre a prática e *in situ*, no local onde a vida cotidiana acontece com seus desafios diários, com suas possibilidades e limitações concretas que a realidade local delimita e possibilita...

Modelo bipolar de serviços: Instituição – Inserção	Modelo tripolar de serviços: Instituição – Itinerância – Inserção
<ul style="list-style-type: none"> • Instituição forte que tenta responder às demandas das comunidades e equipes de bases inseridas na realidade local. • Historicamente, esse modelo bipolar, contribuiu muito no desenvolvimento social. • Com o passar do tempo, as instituições cresceram e ficaram pesadas, a burocracia foi absorvendo grande parte das energias, dos recursos e do tempo institucional... 	<ul style="list-style-type: none"> • Mantém-se o modelo bipolar: Instituição – Inserção (comunidade). Incorpora-se um terceiro elemento dinâmico, com estrutura leve que facilita a mobilidade: Instituição – Equipe Itinerante – Inserção. • A EI tenta: apoiar e dinamizar os processos locais: tecer redes de relações entre comunidades e instituições, entre "fronteiras"; cruzar experiências e "polinizar" umas com as outras...

⁹ X Encontro dos Bispos da Amazônia, Santarém-PA, 2-6/7/2012. Documento: "Memória e Compromisso", n. 3.6, Santarém, 2012.

- Assim, a relação com as comunidades foi ficando cada vez mais institucionalizada, burocratizada, vertical e limitada...
- Para a própria instituição ficou cada vez mais difícil acompanhar como desejariam os processos locais e suas novas e crescentes demandas. O distanciamento da instituição cada vez é maior...
- O movimento fundamental da EI é: 1º de comunidade em comunidade; 2º da comunidade à instituição.
- É fundamental que a EI mantenha o princípio de reciprocidade e de relação horizontal com as comunidades, que dependa delas em algumas coisas; isto exige o "desempoderamento" da Equipe para "empoderar" as comunidades.

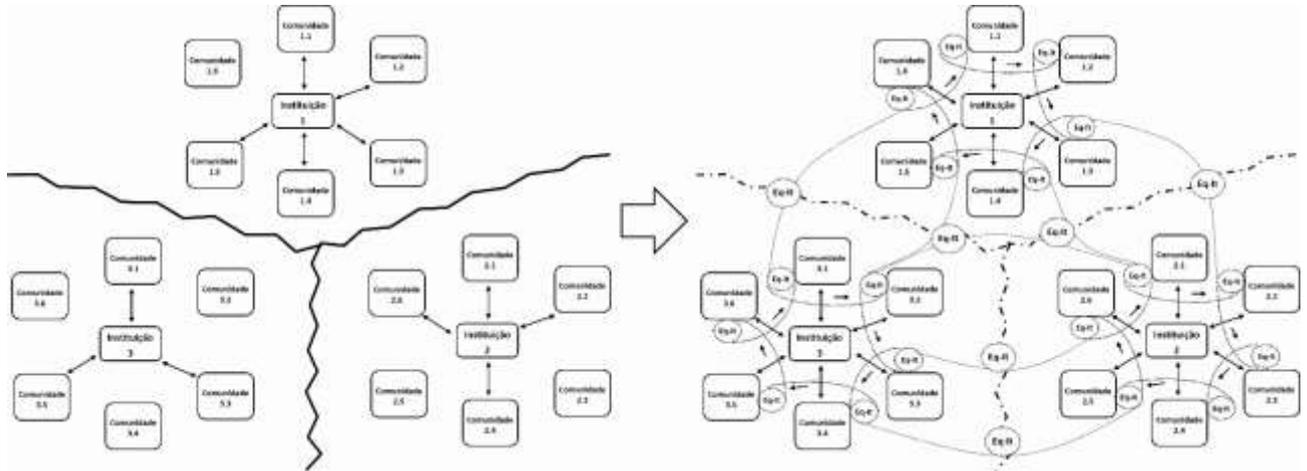
Graficamente, esses modelos são representados abaixo:



Ao introduzir uma célula móvel numa região de fronteira, sejam elas geográficas ou simbólicas, ela ajuda a atravessar e tecer as fronteiras. Transforma de barreiras que dividem e separam a espaços de encontros diversos e plurais. A Equipe sente-se chamada a atravessar as fronteiras nos dois sentidos, para poder captar a novidade que há em ambos os lados e colocá-las em respeitoso e fecundo contato, que permita o florescimento de novas relationalidades.



Nas tríplices fronteiras geográficas, o processo gerado por equipes itinerantes transfronteiriças é ainda muito mais complexo, rico e fecundo. As equipes móveis, pouco a pouco, vão transformando as fronteiras, convertendo-as em espaços que engendram novos sujeitos e nova vida.



Equipe Itinerante: Abelhas e beija-flores na floresta

Uma imagem que ajuda a compreender o serviço e a missão da Equipe são as abelhas. As abelhas são essenciais no bioma amazônico. Elas descobrem as plantas e flores que produzem ricos nectares e os coletam, levam o pólen de umas flores para outras fecundando toda a floresta, produzem o rico mel, alertam das ameaças e dão ferroadas aos invasores que perturbam a vida. Mas também elas sofrem a perseguição e a violência dos "inseticidas" que matam a vida. Por sua vez, a EI anda pela Amazônia e descobre as muitas experiências ricas e fecundas que nela existem; dá a conhecer essas ditas experiências, registra-as e sistematiza-as, oferece a outros para que possam aproveitá-las. Também a Equipe conhece a violência e depredação, registra-as e denuncia-as; por último, participa do misterio pascal e martirial que vive a Amazônia e os povos que nela habitam por defender a vida onde ela está mais ferida ou ameaçada.

Como as abelhas, há muitos outros insetos, pássaros e animais que ajudam a polinizar e fecundar a imensa floresta amazônica. Essa enorme diversidade de polinizadores são essenciais para a vida da Amazônia. Sem eles a multiplicação e recriação da vida no bioma Amazônico seriam impossíveis. E todos estes polinizadores da floresta sempre têm a ajuda do "vento" do Espírito, na diversidade de Espíritos – Guardiães da Floresta, que de todos os seres cuidam e a todos fecundam sem saber "de onde vem nem para onde vai" (Jo 3,8).

Outra imagem com a qual foi comparada muitas vezes a EI, e até de modo pejorativo, é a do beija-flor. Perani, pelo contrario, gostava muito da imagem do beija-flor. Dizia que a EI devia especializar-se tanto como o beija-flor que tem um bico que chega aos lugares mais complicados para tirar o néctar e polinizar as flores de mais difícil acesso, que, muitas vezes, eram as mais belas e que tinham os nectares mais valiosos. Cláudio dizia que o bico longo e especializado do beija-flor justamente permitia alcançar os lugares onde outros insetos e animais não conseguiam chegar para libar o néctar e polinizar aquelas realidades que os outros não podiam alcançar. De igual modo a EI se especializa em chegar e fazer-se presente onde outros não estão presentes nem podem chegar por diversas razões. Esta perspectiva de chegar aonde outros não chegam, a própria EI tem fundamentada na sua metodologia e espiritualidade: “Estar onde ninguém quer estar, estar com quem ninguém quer estar e estar como ninguém quer estar” (Pe. Hernestrosa, SJ).

Complementariedade e articulação entre os serviços: Instituição – Itinerância – Inserção

Os três serviços são essenciais à própria existência humana. Nós, seres humanos, necessitamos instituições para poder avançar nos processos históricos, porém, ao mesmo tempo, necessitamos ter um forte contato com a realidade crua e nua, onde a vida se debate no seu cotidiano cheio de limites e contradições, e por último, a experiência humana e toda a realidade e continuamente cambiante, itinerante, e, por isso, devemos estar prontos sempre para mudar e partir...

Por isso, é muito importante compreender que o serviço itinerante é um serviço complementar aos outros serviços mais institucionais e inseridos do corpo para a missão. Eles são complementares entre si.

- a) **O serviço institucional da estabilidade e continuidade** à missão (por exemplo: colégios, hospitais, casas de retiro, paróquias, diocese).
- b) **O serviço inserido da proximidade e encarnação**, no meio dos pobres, onde o sistema falha (por exemplo: as comunidades eclesiais de base, comunidades inseridas nas áreas rurais, periferias urbanas e aldeias).
- c) **Os serviços itinerantes da conectividade, visibilidade e inclusão**. Conectividade entre instituições e inserções, em ambos os lados das fronteiras (geográficas, simbólicas); visibilidade e inclusão das realidades invisíveis às instituições, porque

não conseguem chegar a todas as realidades (exemplo: um colégio chega aos alunos que consegue matricular e aos pais dos mesmos); e às inserções, porque são muito localizadas e ficam absorvidas pelas necessidades da realidade local (exemplo: uma comunidade inserida numa aldeia ou bairro da periferia fica absorvida pela demanda local.).

Os três serviços, Instituição-Inserção-Itinerância, são necessários e complementares. Quanto mais equilibrados e articulados estejam os três serviços, maior será a incidência do corpo apostólico na missão.



Para que se dê essa sinergia e incidência, é necessário que os recursos humanos, materiais e econômicos fiquem distribuídos de modo também equilibrado entre esses três serviços missionários.... À medida que se dinamize um corpo apostólico equilibrado nesses três serviços e uma boa relação entre eles, a sinergia e eficácia da missão aumentam.

Unidade e complementaridade dos ecossistemas no bioma amazônico: Várzea (Inserção) – Rio (Itinerância) – Terra Firme (Instituição)

Uma imagem amazônica que pode ajudar a compreender a complementaridade entre os três serviços missionários (Inserção-Itinerância-Instituição) do corpo da missão é a do bioma amazônico formado por três ecossistemas interligados entre si: Várzea – Rio – Terra Firme.

A várzea é o ecossistema formado nas regiões periodicamente inundáveis da Amazônia com uma vegetação característica, com fauna própria e que os ribeirinhos e indígenas utilizam para fazer plantios de ciclo curto. A terra firme é o ecossistema que nunca se alaga; tem também uma fauna e flora própria e nelas as comunidades aproveitam para plantar pomares e cultivos de ciclo longo e que não suportam estar encharcados por longos períodos de tempo. Por último, esses dois ecossistemas, várzea e terra firme, estão

conectados pelos rios e igarapés. Esses três ecossistemas são complementares e estão profundamente interligados no bioma Amazônico.

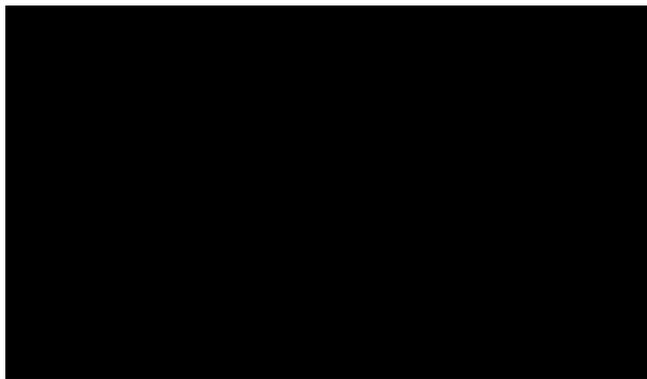
Nessa imagem do bioma amazônico, o ecossistema várzea, periodicamente alagado, simboliza a inserção, as comunidades e aldeias inseridas; a terra firme, mais estável, representa a instituição; e, por último, o rio simboliza o serviço itinerante de conexão entre os outros dois ecossistemas ou serviços mais institucionais e mais inseridos. De igual modo há uma profunda relação complementar entre os três serviços do corpo missionário: Serviços Institucionais – Serviços de Itinerância – Serviços de Inserção.

Da “Equipe Itinerante” (1998) à “Rede Itinerante da REPAM” (2018)

Há que nascer de novo porque algo novo está nascendo... Depois de 20 anos de itinerância pela Amazônia, o Espírito move a EI a “nascer de novo” (Jó 3,7). Em 1998, nasceu e começou atravessar fronteiras, geográficas e simbólicas, nos dois sentidos. A Equipe foi e é semente, parteira e parte, junto com outras instituições e grupos da REPAM (2014). Hoje, o Espírito continua trabalhando e “alinhado às estrelas”: cresce a consciência global da importância geopolítica da Amazônia e seus povos tradicionais para o equilíbrio sistêmico do planeta e futuro da humanidade; é eleito o Papa Francisco (2013), que apoia o nascimento da REPAM (2014), escreve a Encíclica *Laudato Si* e anuncia o Sínodo da Amazônia (2019). Nesse contexto, está nascendo Rede Itinerante da REPAM. Também dessa novidade a EI se sente parte com outras equipes, instituições e serviços missionários. Ela soma no processo de construção, partilhando sua experiência específica e diferenciada de itinerância Pan-Amazônica, e aprendendo com as experiências das outras equipes itinerantes.

Equipe Itinerante: “Juntos tecendo Redes e Missão na Amazônia”

Já nos primeiros “logos” aparece como missão da EI a ideia de “tecer redes”. Na versão atual do logo, com motivo da celebração dos 20 anos de itinerância, a ideia se mantém:



A EI ao longo destes anos foi compreendendo o tecer redes, como parte de sua missão. A Equipe descobre a necessidade de “tecer redes” a partir da escuta atenta à realidade que interpela e formula entre seus objetivos na direção das comunidades, povos, organizações, igrejas, instituições e países.

Também a ideia da “rede itinerante” não é nova na reflexão da Equipe. Em 2003, no II Encontro Interinstitucional da Equipe Itinerante (XARE-CIMI, Manaus, 2003) já apareceu de modo muito simples essa ideia, possibilidade. Depois de alguns anos de itinerância pela região da trílice fronteira de Brasil-Colômbia-Peru (Alto Rio Solimões), discerniu-se e decidiu-se somar interinstitucionalmente para abrir um novo núcleo da Equipe naquela fronteira. Em abril de 2004, somam quatro pessoas de quatro instituições diferentes para iniciar o núcleo. Com a abertura do núcleo de Tabatinga (2004) e, posteriormente, de outro núcleo em Boa Vista, Roraima (2008), a Equipe passou a ter três núcleos com Manaus e a pergunta que surgiu cada vez com mais força foi como organizar-se, com uma rede de equipes itinerantes ou uma estrutura mais orgânica? Essa reflexão levou vários anos... Como multiplicar as equipes itinerantes na Amazônia e como organizar a articulação entre eles? Uma possibilidade que sempre aparecia no horizonte de reflexão foi a Rede itinerante...

Com a novidade do nascimento da REPAM em 2014, abriu-se a possibilidade concreta de tecer essa rede itinerante amazônica... A Rede Itinerante da REPAM é esse novo que está nascendo e é nela onde a EI quer nascer de novo e nela inserir-se somando com outras equipes itinerantes com diferentes formatos e composição, diversos serviços complementares e metodologias, áreas de presença e abrangência, etc.

A REPAM é como o rio Amazonas...

O Papa Francisco desafia e anima a Igreja na Amazônia a “nascer de novo”: *“A obra da Igreja tem que ser incentivada e relançada na Amazônia”* (Papa Francisco, Rio de Janeiro,

Brasil, 2013). A Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) é o esforço da Igreja Amazônica para encorajar e relançar a sua missão nesta estratégica região do planeta.

Jesus sempre falava em parábolas para explicar a sua missão: *"Com que podemos comparar o reino de Deus?"* (Mc 4,30). Também algumas imagens amazônicas ajudam a compreender a REPAM, esta novidade eclesial em construção. O que é a REPAM? Com que podemos compará-la?

O Amazonas é o maior e mais caudaloso rio do mundo. Banha e alimenta com suas águas o maior bioma do planeta, que é um gigante "berço da vida". Esse majestoso rio é o resultado de uma multidão infinita de pequenas gotas de água que decidiram juntar-se para formar o grande "fluxo da vida". Das cabeceiras e nascentes localizadas nos nove países que formam a Amazônia, as pequenas gotas de água de chuva e neve derretida, nascentes e mananciais, sereno, geada e nevoeiro, eles estão se unindo e formando pequenos riachos que serpenteiam sinuosamente ao longo das montanhas e florestas, formando lagos e rios que estão unindo-se para gerar o rio-mar majestoso, o Amazonas.

A REPAM é como o grande rio Amazonas. Foi formando-se com a contribuição de muitos rios e lagos e igarapés da solidariedade e do compromisso com os oprimidos. A REPAM quer facilitar essa dinâmica de juntar nossas "gotas de água". Ela quer reunir toda a multidão dos serviços de muitos missionários, comunidades, instituições, organizações, Igrejas locais e outros atores solidários inseridos ao longo dos rios e das selvas amazônicas. Unindo todas essas fontes de "água viva" (Jó 4,10). A REPAM procura unir nossas gotas de água para fazer uma "fonte de vida" que enfrente os projetos de morte impostos à Amazônia e a seus povos pelo modelo de desenvolvimento capitalista predatório atual. Porque todas essas formas de água se doaram e somaram generosamente, foi possível o milagre desse gigantesco Rio da Vida que alimenta um dos maiores e mais ricos biomas do Planeta. A EI é um desses córregos, formado por pequenas gotas de água, que ajudou a gerar a REPAM.

Atravessando fronteiras, geográficas e simbólicas, nos dois sentidos...

Vários encontros e contatos entre entidades e pessoas dos países que compõem a Amazônia foram fundamentais para a criação da REPAN. Em 2011, a EI foi convidada pela Família Franciscana para participar no *"III Encontro Continental Justiça, Paz e Integridade da Criação (JPIC) das Américas"* na cidade de Quito, Equador (01-07/11). Foi pedido a Equipe

apresentar sua experiência concreta e uma visão territorial de conjunto da região, com pistas para discernir a missão comum e o corpo organizacional que melhor pudesse responder a essa missão com essa visão pan-amazônica.

Nesse contexto de discernimento da missão pan-amazônica de JPIC, a Equipe fez seu primeiro contato com o Mauricio López, secretário da Cáritas Equador. A Cáritas fazia uns meses que tinha iniciado uma articulação regional com suas seis jurisdições eclesiais inseridas na Amazônia equatoriana. Essa iniciativa tinha como inspiração a proposta eclesial do Concílio Vaticano II, o Magistério da Igreja Latino-americana e diversas intuições apontadas décadas atrás por parte de bispos e missionários religiosos e leigos que vinham construindo uma proposta e resposta regional aos desafios da Amazônia. Foi o Espírito quem facilitou e iluminou aquele encontro de Mauricio e a EI. Um sonho e uma pergunta foram compartilhados: como organizar um corpo missionário articulado na Pan-amazônia que responda a essa missão comum com essa visão territorial conectada?

Na viagem pelos rios amazônicos até os Andes, a Equipe testemunhou que, no rio Napo, não havia peixe e os que havia não podiam ser consumidos. Ao atravessar a fronteira e entrar no Equador entendemos a razão: ao longo de todo o rio Napo são contínuos os portos petroleiros; as pessoas partilhavam os contínuos derrames de petróleo e os “mecheros” (“queimadores”) de gás residual dos poços... Todo o rio e o ecossistema foram contaminados.

Esta jornada com a Caritas foi fundamental para que a EI se articulasse a um processo que estava nascendo no território amazônico do Equador e também para a compreensão de conjunto da territorialidade e conexão amazônica, da importância de construir, juntos, uma visão, missão e corpo missionário articulado e em rede para a defesa da vida na região, porque tudo está conectado e “uma selva sem a outra não tem solução!” Esses momentos marcaram o início de toda uma etapa nova na missão da EI...

Em agosto de 2012, a convite da EI, Mauricio López participou, em Boa Vista, Roraima, do XI Encontro Interinstitucional e do retiro da EI orientado por Egidio Schwade, um dos fundadores do CIMI. Este encontro foi fundamental para continuar tecendo uma visão, missão e corpo missionário amazônico transfronteiriço e em rede.

Em abril de 2013, a EI, a convite da Cáritas, participou do Encontro da Rede Amazônica – Zona Oriente, em Puyo, Equador. Pela Equipe participaram Arizete Miranda CNS-CSA, Paco Almenar SJ e Graça Gomes CF. O tema foi: “A Igreja em defesa da vida: Realidade e vulneração de identidades e direitos na Amazônia Equatoriana.

Outro importante encontro no processo de gestação da REPAM foi realizado em julho de 2013, em Lima, “Encontro Pan-Amazônico: Cuidados com a Criação, Atividades Extrativistas e Desafios pastorais”. Foi convocado pelo SELAC em conjunto com o Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM). O objetivo do evento foi “Animar o processo de transformação da realidade da Amazônia com o protagonismo dos povos que a habitam em favor do cuidado da criação na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária.”

Ainda em 2013, Mauricio López participou do XII Encontro Interinstitucional da EI, assessorado pelo Pe. Alfredo Ferro. Também se celebraram os 15 anos da Equipe de vida itinerante pelos rios e florestas amazônicas. O encontro foi realizado em Tabatinga-AM, tríplice fronteira amazônica de Brasil com Peru e Colômbia. Na ocasião, participaram, também, a Ir. Irene Azevedo da Comissão da Amazônia da CNBB.

Novamente o Espírito fez acontecer o milagre do “encontro das águas”. A EI facilita o diálogo entre Mauricio da Cáritas Equador e a Ir. Irene da Comissão da Amazônia para ver a possibilidade da participação de Caritas Equador e do Departamento de Justiça e Solidariedade do Conselho Episcopal Latino-americano – DESEJOU, da CELAM, no encontro das Igrejas da Amazônia Brasileira a ser realizado em Outubro de 2013 em Manaus-AM. No encontro participam Mauricio López pela Caritas-Ecuador, o Pe. Peter Hughes pelo DESEJOU-CELAM e o Pe. Alfredo Ferro pelo Serviço Amazônico dos Jesuitas (CPAL). Este encontro foi fundamental para continuar avançando no sonho de tecer uma missão comum em rede como Igreja na Pan-amazônia.

REPAM: Fonte de vida no coração da Igreja

A REPAM é fundada no encontro de Brasília (DF), realizado nos dias 9-12 de setembro de 2014. É escolhido como lema da REPAM “*Pan-amazônia: Fonte de vida no coração da Igreja*”. Ficam como membros fundadores o CELAM, CLAR, SELAC e Comissão para a Amazônia da CNBB.

Durante o encontro fundacional, foi lida a mensagem do Papa Francisco (10/09/2014). Ele convida a

sair de si mesmo para se unir aos outros”. Anima a “alargar os espaços de compreensão e da solidariedade entre os homens e os povos, refletindo aquela «Luz das Nações» - Cristo que resplandece no rosto da Igreja Universal e das Igrejas locais”. Por último, o Papa afirma: “o testemunho cristão pode, graças a rede, alcançar as periferias existenciais humanas,

permitindo que o fermento cristão fecunde e faça progredir as culturas vivas da Amazônia e seus valores.

No documento de Declaração Fundacional da REPAM, afirma-se:

“A Igreja não está na Amazônia como quem tem feito as malas para ir-se depois de explorá-la. Desde o princípio está presente nela com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos, e sua presença é determinante para o futuro da zona” (Papa Francisco aos bispos do Brasil, Rio de Janeiro, 27-07-2013).

Com a REPAM ratificamos nosso compromisso de responder, de maneira eficaz e orgânica, aos clamores do tempo presente. Assumimos como missão:

Criar consciência nas Américas sobre a importância da Amazônia para toda a humanidade. Estabelecer, entre as igrejas locais de diversos países euramericanos, que estão na bacia amazônica, uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas para criar um modelo de desenvolvimento que privilegie os pobres e sirva ao bem comum (DA 475).

No encontro fundacional o Cardeal Cláudio Hummes afirmou:

Agora precisamos atuar. A REPAM quer ser uma força de atuação de todas as Igrejas na Amazônia. Essa Rede é para somar, criar comunhão e termos vozes na sociedade e diante das organizações nacionais e internacionais, que têm poder de decisão sobre a Amazônia. E precisamos ter essa consciência da capilaridade de nossa Igreja, somos presença. Para isso precisamos somar para que aquilo que falamos e propomos tenha peso. E aquilo que criticamos e denunciemos seja evidenciado. A REPAM tem de guardar e cultivar essa força profética. Desejamos ser a força de Jesus Cristo nessa região, que, por vezes, é tão agredida e devastada por interesses econômicos e exploratórios.

E o Cardeal Pedro Barreto, Arcebispo de Huancayo, Peru, Presidente do (DEJUSOL-CELAM) na época, lançou o desafio: criar as bases de uma Rede Eclesial Pan-amazônica (REPAM) por meio do diálogo, coordenação e formação de consenso sobre a visão e a missão da igreja na Amazônia. De fato, a REPAM está, pouco a pouco, construindo uma visão compartilhada, territorial e geopolítica da Amazônia, na qual propõe uma Missão comum de cuidado da “Casa Comum” (missão “geo”) e do bem comum, “bem-viver”, de todos os seres que nela habitam (missão “eco-política”). Para isso, está tecendo um Corpo em Rede que articule as forças vivas eclesiais e não-eclesiais, sociopolíticas tanto da região Amazônica no nível local, como nos níveis regional e internacional.

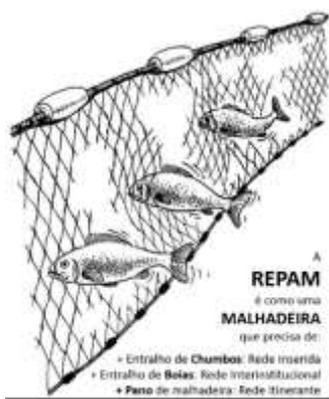


A REPAM é como uma malhadeira esticada no rio Amazonas...

"O Reino dos Céus é como uma rede lançada ao mar..." (Mt 13,47). Jesus apresenta o Reino com a imagem da malhadeira lançada no mar. Para explicar a Rede Eclesial Pan-amazônica (REPAM), utilizamos a mesma imagem da malhadeira que os pescadores ribeirinhos esticam no rio Amazonas.



Para que uma malhadeira pegue peixe tem que ter três elementos fundamentais: a) **Boias**, que sustentam, fazem flutuar e indicam onde e como está a malhadeira; b) **Chumbos**, que fazem com que a malhadeira vá ao fundo, lá onde passam os peixes; c) **Pano da malhadeira**, que tece e conecta as boias e os chumbos. Por sua vez, as boias e os chumbos mantêm as malhas esticadas evitando que fiquem enroladas, podendo assim malhar e pegar os peixes.



O Corpo missionário da REPAM continua sendo tecido hoje ao longo da Amazônia, nas suas três redes de serviço fundamentais: Rede Inserida – Rede Interinstitucional – Rede Itinerante.

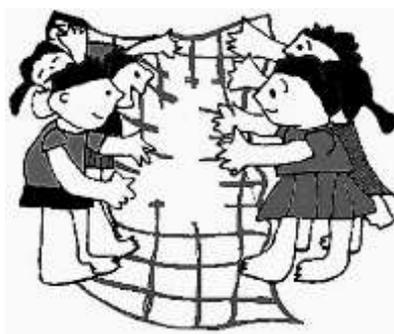
A Rede Inserida da REPAM (“entralho de chumbos”) tem como fortaleza e ponto de partida a encarnação, as presenças inseridas de uma infinidade de paróquias e pastorais sociais, de comunidades de base e equipes missionárias, de comunidades religiosas masculinas e femininas, de leigos e leigas, etc. espalhadas pelos rios e florestas, aldeias e cidades, estradas e caminhos desta imensa Amazônia. Presenças proféticas, muitas vezes heroicas e martiriais, profundamente encarnadas e radicalmente engajadas na região, no compromisso com a justiça e a defesa da vida da Amazônia e dos povos que nela habitam. A Igreja Católica é a instituição com mais tempo histórico e maior número de presenças inseridas em toda a bacia e bioma amazônico. Nenhuma outra instituição governamental ou da sociedade civil têm, nem de longe, a presença junto ao povo que tem a Igreja, sobretudo nas regiões mais difíceis e distantes. A riqueza e alicerce da REPAM são o grande número de missionários e missionárias, agentes pastorais inseridos e encarnados ao largo e ao longo da Pan-amazônia. Porém, eles estão muito isolados e desarticulados entre si devido às distâncias enormes, geográficas e simbólicas, que a própria realidade amazônica apresenta. E esse é um dos grandes desafios da REPAM: Como chegar junto a todos esses agentes pastorais e comunidades espalhadas pela Amazônia? Como ajudar a articulá-los em uma grande rede inserida (“entralho de chumbos”) na defesa e promoção da vida? Como acompanhá-los e facilitar seus processos de formação? Como fortalecer e tecer a Rede Inserida da REPAM?

Por sua vez, a **Rede Interinstitucional da REPAM** (“entralho de boias”) é fundamental para dar estabilidade e continuidade à missão. Elas são as boias na malhadeira que ajudam a que ela não afunde e se mantenha boiando e esticada. Nesses quatro anos de existência da REPAM (2014-2018), muito se avançou na articulação da sua rede interinstitucional. É admirável a ação do Espírito e o esforço concreto de pessoas e instituições, da própria secretaria da REPAM, que, em tão curto tempo, tenham conseguido articular e tecer tantas instituições importantes na construção da Rede, começando pelas quatro grandes instituições fundadoras: CELAM, CLAR, SELAC e Comissão para a Amazônia da CNBB. E um número crescente de outras instituições eclesiais, ou afins com a missão da Igreja na Pan-amazônia, que continua somando e tecendo a REPAM: universidades católicas e religiosas,

congregações religiosas, agências de cooperação católicas, órgãos civis e governamentais, nacionais e internacionais, etc. Com o apoio firme e decidido do Papa Francisco, muitas instituições eclesiais e não eclesiais se vão somando à REPAM e fortalecendo sua rede a favor da vida.

Por fim, a **Rede Itinerante da REPAM**, o seu “pano da malhadeira”, por entre o “entalho de boias” (Rede Interinstitucional) e o “entalho de chumbos” (Rede Inserida), está formada por muitos fios e pequenos nós tecidos entre si de uma forma muito fina e delicada. O pano da malhadeira é fundamental para poder pegar peixes, para que eles fiquem malhados e não fujam da malhadeira. Porém, se o pano da malhadeira tem só um entalho, o de chumbos ou de boias, não funciona. Ou vai toda ao fundo (só com chumbo) ou é arrastada pela correnteza (só com boias). O pano da malhadeira precisa dos dois entalhos, de boias e de chumbos, para poder prestar bem seu serviço de pescaria. De igual modo, a Rede Itinerante (pano da malhadeira) precisa da Rede Inserida (entalho de chumbos) e da Rede Interinstitucional (entalho de boias) para que a REPAM possa avançar para águas mais profundas e jogar a rede para fazer pescaria abundante na Amazônia.

Por outro lado, se a malhadeira tem muito buraco, ou a malha está rasgada, a pescaria fica muito mais difícil e muito peixe acaba escapando. Um dos serviços da Rede Itinerante da REPAM é inserir-se onde há buracos ou onde a malhadeira está rasgada, onde a vida está mais ferida ou ameaçada, para tentar tecer um novo pano entre as boias e os chumbos, conectar as comunidades e aldeias, as equipes e associações locais, as lideranças de base, a Rede Inserida com a Rede Interinstitucional para fortalecer e defender a vida.



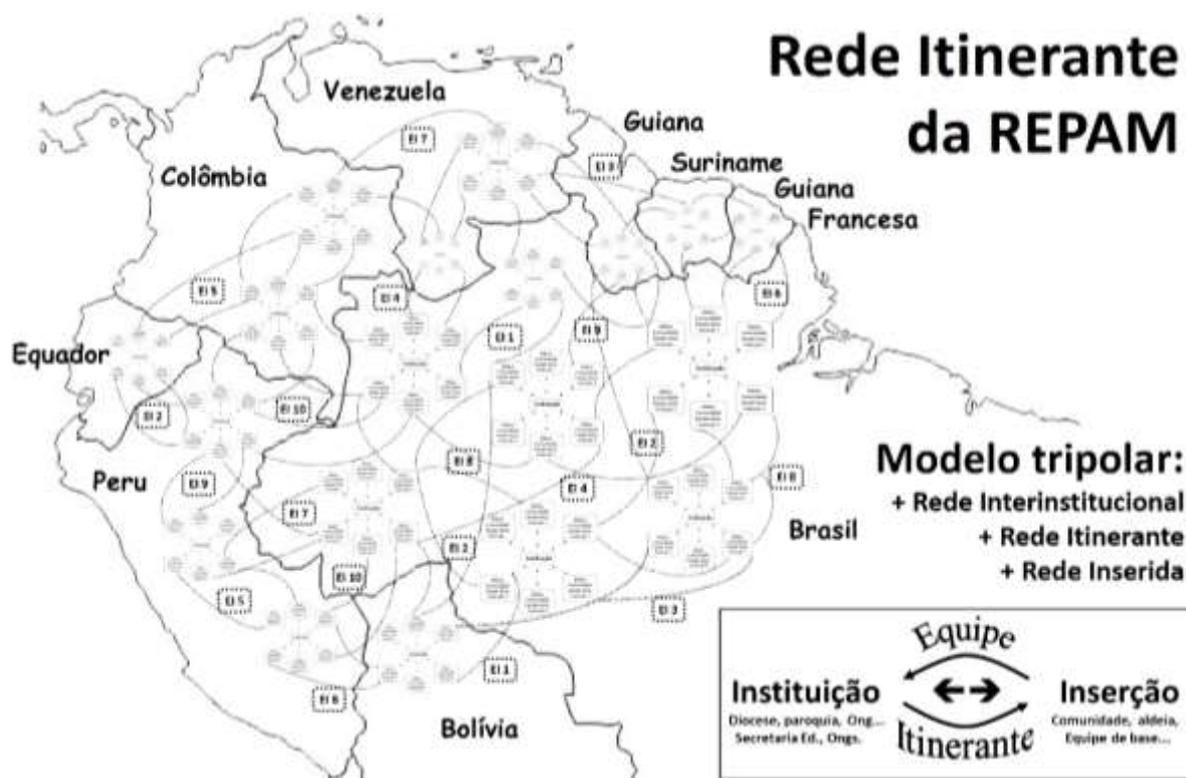
Tudo está interligado: Três redes entretecidas

Assim, o corpo em rede que desenvolve a missão na REPAM está constituído por essas três redes fundamentais, articuladas e entretecidas entre si, com serviços complementares. A Rede Interinstitucional dá estabilidade e continuidade à missão. A Rede Inserida da

proximidade, é o mistério encantatório das equipes missionárias presentes nas comunidades e aldeias, nos rios e estradas, no campo e na cidade, no centro urbano e nas periferias, que acompanham com carinho, ousadia e profecia os processos locais no cuidado e defesa da vida. A Rede Itinerante dá conectividade entre comunidades e aldeias, entre o campo e a cidade, entre instituições e inserções; dá visibilidade às realidades invisíveis (porque não chegam) e às inserções (porque estão muito localizadas); dá conexão, unidade e inclusão às realidades mais isoladas da região, aproximando-as das instituições e inserções.

Quando essas três redes complementares da REPAM estão bem equilibradas e articuladas, o corpo apostólico missionário consegue ter uma forte incidência na defesa e promoção da vida da Amazônia, de seus povos e de todos os seres que nela habitam. A intuição do Cláudio de passar de um sistema bipolar, Instituição – Inserção, a um tripolar que incorpore um terceiro componente dinâmico, Instituição – Itinerância – Inserção, é válido também para a REPAM.

No corpo apostólico da REPAM, é fundamental tecer e articular sua Rede Interinstitucional, sua Rede de Inserção e sua Rede Itinerante para provocar sinergia num projeto missionário comum, que defenda a vida e enfrente os projetos de morte presentes que se impõem na Amazônia. Neste corpo apostólico articulado, a Rede Itinerante da REPAM também é fundamental: multiplicar os polinizadores por regiões e calhas de rios, por tríplices fronteiras, por regiões culturais e pelos distintos ecossistemas etc. Uma rede itinerante que conecte e acompanhe, que articule e teça de comunidade em comunidade, de aldeia em aldeia, conectando instituições e inserções, tecendo as fronteiras geográficas e simbólicas, relacionando rios e florestas, fazendo ponte entre o campo e a cidade, entre a base e as instituições, entre agentes de pastoral e intelectuais acadêmicos etc.



Outra imagem amazônica para compreender a Rede Itinerante da REPAM é a **rede fluvial amazônica**... “Igarapé” é o nome em tupi dos pequenos afluentes dos rios amazônicos. Na etimologia da palavra “igarapé”, estão os conceitos de “água”, “canoa” e “caminho”. Assim, “igarapé” significa literalmente, “caminho da canoa”. Na Amazônia, os rios são os caminhos que conectam toda a realidade. É com essa imagem da imensa rede fluvial amazônica conectada e geradora de vida que se pode comparar a Rede Itinerante da REPAM. Ela gera vida facilitando a conexão, fazendo de “ponte”, diria Perani (“Projeto de Itinerância”, 1996). Ela conecta rios e paranás, lagos e igarapés, selvas e montanhas, comunidades e aldeias, o campo e a cidade, as instituições e as inserções, o povo e os acadêmicos, cosmovisões e experiências de vida, culturas e rituais, fronteiras geográficas e simbólicas... Essa rede fluvial conecta as várzeas alagadiças periodicamente (que representam as inserções) e a terra firme (que representam as instituições).

Concluindo ou itinerando para outras margens e para águas mais profundas

Já com os anos avançados, pouco antes de iniciar os cinco meses da via sacra da doença, nos momentos de partilha mais íntima, Cláudio rachava o coração e confessava: “Me

sinto sozinho; uma solidão muito grande e profunda inunda meu coração". É o mistério dos profetas que se debatem entre fortaleza e fragilidade, entre alçar a voz de denúncia e anúncio no meio da multidão e a solidão da incompreensão, muitas vezes interna... É a intensa experiência de sentir-se profundamente confiado e entregado nas mãos de Deus, sustentado só nEle que é quem dá a fortaleza e nos ajuda a morrer para nascer de novo.

A El nesta nova etapa está convidada a morrer para nascer de novo. Depois de 20 anos de caminhada por estradas, rios e selvas amazônicas, necessita continuar confiando só nEle, entregar-se e enterrar-se na Mãe Terra para morrer e nascer de novo. Confiar só em Deus e em seu Espírito que foi quem animou o primeiro nascimento da Equipe e o convida agora, nesta nova conjuntura da REPAM e sua Rede Itinerante, a morrer e nascer de novo. Com a floresta amazônica aprendemos que há de colocar-se a semente na terra para dar novos e muitos frutos... "Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo que cai na terra não morre, ele continua só um grão de trigo; mas se morre, então produz muito fruto" (Jó 12,24). A El continua rezando, ressoando e vivendo as palavras de Cláudio: "Não se preocupem com os resultados, o Espírito irá mostrando o caminho" (Perani, 1998).

Kiki, irmã e confidente de Cláudio, encontrou entre seus papéis as notas pessoais do último retiro espiritual que realizou:

Termino os Exercícios Espirituais na intimidade consoladora de Jesus: "Cláudio, tu me amas?" Claro, permanece um pouco de tristeza, pois meu amor é fraco e limitado. Mas Jesus faz a parte dele". "Um outro apelo de Jesus agora que sou velho é a disponibilidade de «andar onde não quero». Sem me preocupar. Somente seguindo Jesus. Siga-me!"

Agora Cláudio "ITINERA" plenamente conosco por toda a Amazônia, ele continua convidando a sair da zona de conforto e "itinerar por onde não queremos!" Que Cláudio e seu espírito profético continuem inquietando-nos e animando-nos para sairmos da zona de conforto e avançarmos para "outras margens" e para "águas mais profundas", para continuar tecendo a REPAM e a Rede Itinerante da REPAM, ali onde as feridas estão mais abertas e a vida mais ameaçada, da Amazônia e da "Casa Comum" do planeta. Que soem bem alto suas palavras: "Coragem, comecem por onde possam!"

Referências

CELAM. **Documento de Aparecida**. Aparecida, 2007.

CNBB – Bispos da Amazônia Legal. A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia. Manaus, 1997.

CNBB. **Documento de Santarém – Celebração dos 40 anos**. Santarém, 2012.

LÓPEZ, Fernando (Org.). **Hacia una red pastoral comunitaria más integral y articulada**. Centro de Espiritualidad Santos Mártires. Asunción, Paraguay: Distribuidora Montoya SJ, 1999.

LÓPEZ, Fernando. **Brasil**: El Equipo Itinerante de la Amazonia. Anuario de la Compañía de Jesus. Roma, 2014, p. 128.

LÓPEZ, Fernando. **Pobres Sacramentos?! Os Sacramentos no dinamismo do seguimento de Jesus presente no pobre**. Fernando López SJ. São Paulo: Paulinas, 1995.

LÓPEZ, Fernando; MIRANDA, Arizete. De Cardoner a la Amazonía: Agua de la misma fuente. Disponível em: <http://www.ecojesuit.com/de-cardoner-a-la-amazonia-agua-de-la-misma-fuente-2/8676/?lang=es>

LÓPEZ, Fernando; MIRANDA, Arizete. Leveza institucional para a missão: Membros do mesmo corpo que tem Cristo por Cabeça (1Cor 12). CRB. **Revista Convergência**. [S. l.], v. XLVI, n. 445, out., 2011.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus, aproximação histórica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

PERANI, Cláudio. **Espiritualidade Amazônica**. [S. l.], 2007. Disponível em: <https://theo.kuleuven.be/.../perani/2007-claudio-perani-espiritualidade-amazonica.pdf>

PERANI, Cláudio. Projeto “**Equipe Itinerante**”. Manaus, 1997. Disponível em: <https://theo.kuleuven.be/en/...lib/ei.../2007-08-vo2-projeto-equipe-itinerante-por.pdf>

PERANI, Cláudio. **Projeto de Itinerância**. Manaus, junho de 1996. Disponível em: <https://theo.kuleuven.be/...projetos.../1996-06-vo1-projeto-de-itinerancia-claudio-pera...>

PERANI, Cláudio. Sobre as eficácias. **Cadernos do CEAS**. Salvador, n.º 150, mar./abr. 1994.

REPAM. **Memória do encontro fundacional**. Brasília, 2014.

Dados do autor

Equipe Itinerante

Espaço interinstitucional de serviços à Amazônia e seus povos, igrejas, organizações, comunidades, aldeias e periferias urbanas.